

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

CONCERTO DE HOMENAGEM A TERESA MACEDO

Leopold Hager *direcção musical*

2 Jun 2018
18:00 Sala Suggia

-
ANO ÁUSTRIA

1ª PARTE

Friedrich Cerha

Impulse, para grande orquestra (1992-93; c.23min)

2ª PARTE

Anton Bruckner

Sinfonia n.º 6 em Lá maior (1879-81; c.55min)

1. *Majestoso*
2. *Adagio: Sehr feierlich* [Muito solene]
3. *Scherzo: Nicht schnell* [Não rápido]
Trio: Langsam [Lento]
4. *Finale: Bewegt, doch nicht zu schnell*
[Com movimento, mas não demasiado rápido]

INTEGRAL DAS SINFONIAS DE BRUCKNER

Cibermúsica, 17:15

Palestra pré-concerto por **Rui Pedro Alves**



casa da música

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



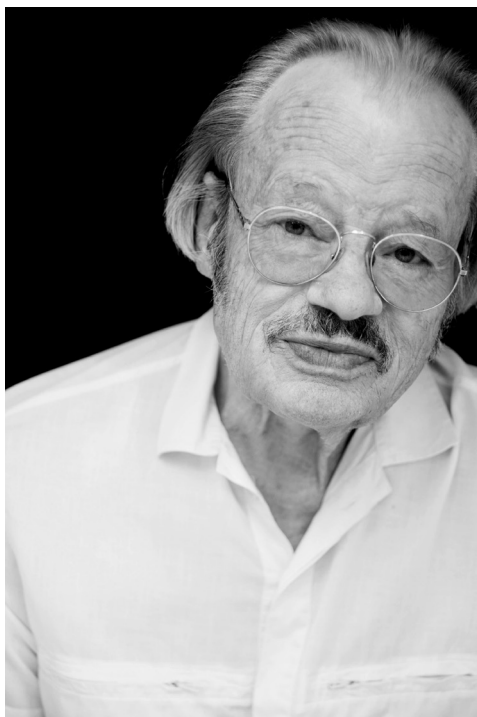
Friedrich Cerha

VIENA, 17 DE FEVEREIRO DE 1926

Apesar da minha idade, estou sempre à procura de coisas novas. O caminho que sigo nesta demanda conduz de regresso a mim, pelo que se trata também de encontrar lados desconhecidos de mim próprio. A experiência intensa da música é um modo de cada um chegar ao seu próprio ser – algo que se aplica também ao ouvinte.

O compositor Friedrich Cerha, natural de Viena, é há muito considerado um dos compositores austríacos mais relevantes do nosso tempo. Em 1958, fundou o ensemble die reihe, na sua cidade, um agrupamento com talentosos solistas que dirigiu durante décadas. Em 1960 e 1961, compôs uma obra que se tornou central no seu catálogo: o ciclo intitulado *Spiegel*. Em 1979, completou a ópera em três actos *Lulu*, de Berg, o que lhe deu projecção internacional. Passou grande parte da sua carreira a investigar vários estilos do século XX, desde o dodecafonismo ao neoclassicismo e à música serial. Manteve também um interesse em desenvolvimentos emocionais replicáveis, que permeiam tanto a sua música orquestral como as peças de câmara.

O teatro musical tem tido um papel importante na composição de Cerha: criou uma versão de *Spiegel* que incluía grupos de movimento, luzes e objectos. Pouco depois, escreveu a peça de teatro musical *Netzwerk*. No final dos anos 70, o seu grande interesse pela peça *Baal* de Bertolt Brecht deu origem a uma obra homónima que lidava com a relação entre o indivíduo e a sociedade. Seguiu-se *Der Rattenfänger* (1984-1986) e *Der Riese vom*



© MANU THEOBALD

Steinfeld (1997). Entre as suas obras orquestrais mais importantes, destacam-se *Langegger Nachtmusik III* e *Impulse*.

Nos últimos anos, a sua criatividade extraordinária continuou a florescer. Desde *Momente*, estreada pela Sinfónica da Rádio da Baviera e Arturo Tamayo em 2005, escreveu mais de dez obras para grande orquestra, apresentadas por agrupamentos como a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, as Sinfónicas das Rádios WDR, SWR (Baden-Baden e Freiburg) e ORF (Viena) e a Filarmónica da BBC. A estas acrescentam-se perto de 50 peças para ensemble ou instrumentos solo e a ópera *Onkel Präsident*, estreada em Munique, no Gärtnerplatz Theater, em 2013.

O 90º aniversário do compositor foi celebrado com actuações do Scharoun Ensemble, do Klangforum Wien e do oenm (Ensemble Austríaco de Nova Música), entre outros.

O Wigmore Hall dedicou-lhe um “Composer Focus Day”, em 2015, e no ano seguinte a Sinfónica da Rádio de Viena felicitou o compositor com duas estreias sob a direcção de Cornelius Meister: *Drei Sätze für Orchester*, no Musikverein de Viena, e *Eine blasse Vision*, no Festival de Salzburgo. Na temporada de 2017/18, destaca-se a estreia alemã de *Drei Sätze für Orchester*, em Osnabrück, e a estreia japonesa de *Nacht*, pela Sinfónica Metropolitana de Tóquio dirigida por Ilan Volkov.

Friedrich Cerha ensinou na Hochschule für Musik em Viena até 1988. Entre os seus alunos incluem-se nomes como Georg Friedrich Haas e Karlheinz Essl. Recebeu o Grande Prémio do Estado Austríaco, é membro da Academia Europeia de Artes e Ciências e *Officier de l'Ordre des Arts et des Lettres*. A Bienal de Veneza atribuiu-lhe um Leão de Ouro pela sua vida artística em 2006, e em 2012 foi agraciado com o Prémio de Música Ernst von Siemens, conhecido como o “Prémio Nobel da Música”.

Impulse, para grande orquestra

Em termos formais, esta é uma peça multifacetada, rica e emocionalmente impregnada de fortes contrastes. Idealizações de uma natureza violenta e apaixonada alternam com expressões de quietude e melancolia elegíaca, por vezes justapondo-se de modo rude e repentino, a par de gestos (a maior parte dos quais enfatizados pela dinâmica) que iniciam um processo continuamente conducente a situações novas e alteradas.

Subdividida em quatro secções – embora apenas a terceira seja separada da anterior através de uma pausa longa em todos os instrumentos; as restantes são interligadas –, a peça é tão polinomial que desafia as descrições detalhadas – e, contudo, eu gostaria de escolher

duas secções para, pelo menos, dar uma ideia da sequência de acontecimentos.

A segunda parte (considerada em termos de uma visão formal alargada) consiste, na verdade, em duas peças diferentes: a primeira, mais rápida, é escrita quase sempre para quatro instrumentos em movimento sobre um fundo de uma linha simples das violas. Embora preencham a mesma duração de tempo, cada um dos instrumentos toca numa pulsação diferente do outro. Assim, quatro diferentes tempos métricos são tocados em simultâneo e a métrica escrita torna-se mais obscura, embora o fagote e as violas deixem, no início e a espaços, vislumbrar a métrica de base. Muitos poderão achar desconcertante a sonoridade idiossincraticamente dividida; eu penso que tem um carácter muito forte.

A segunda “peça”, mais calma, começa sob a liderança do oboé, acompanhado como que por silhuetas na harpa, no vibrafone e na marimba, a que se juntam mais tarde crócalos e sinos. As duas “peças” são então divididas em pequenas secções, misturadas de modo a que uma secção da segunda “peça” suceda sempre a uma secção da primeira. Dois acordes em colcheias nos sopros sinalizam o início de cada secção da segunda “peça”, mais calma, enquanto um acorde em *pizzicato* anuncia o início de um excerto da parte mais rápida. O resultado de estruturas fundidas que são, *per se*, completamente estáticas é muito claro, apesar de toda a complexidade – ou assim o espero.

A quarta e última secção da obra é relativamente simples; 16 acordes sustentados nos sopros (cada qual separado do seguinte por pausas) constituem a base. O primeiro é tocado em triplo *pianissimo*; os outros são progressivamente mais longos e intensos, até culminar num acorde muito longo e *fortissimo*. As pausas tornam-se também mais longas, progressiva-

mente, mas não de forma tão pronunciada como acontece com os acordes – são preenchidas pela percussão, que faz o caminho oposto, começando em *fortissimo* e terminando em *piano*, com uma densidade que se vai reduzindo até um som mais claro, no final.

As cordas formam uma terceira camada, tocando essencialmente em *piano e tremolo sul ponticello*, mas no início encontram-se submersas pela percussão em *fortissimo* (nas pausas entre os acordes dos sopros); com a aproximação do final ganham protagonismo, em movimentos gradualmente mais amplos e em *crescendo*.

Embora a complexidade geral da sequência de acontecimentos seja estruturalmente importante, ao nível da concepção musical, a relevância das explicações longas é, quando muito, tangencial à experiência da audição.

A obra foi encomendada pela Orquestra Filarmónica de Viena, que a estreou a 13 de Abril de 1996 num dos seus concertos de assinatura, sob a direcção de André Previn.

FRIEDRICH CERHA

Tradução: Fernando Pires de Lima

Anton Bruckner

ANSFELDEN (ÁUSTRIA), 4 DE SETEMBRO DE 1824

VIENA, 11 DE OUTUBRO DE 1896

Sinfonia n.º 6 em Lá maior

Anton Bruckner foi antes de tudo um sinfonista: as onze sinfonias que compôs (incluindo duas obras de estudo sem número e a inacabada Nona) dominam não só o seu catálogo orquestral como também toda a sua produção. Representam uma continuação da linha sinfónica de Beethoven e, particularmente, do compatriota austríaco de Bruckner, Schubert. Têm, no entanto, um colorido inteiramente individual que advém da experiência do compositor enquanto organista – como sugerem as orquestrações frequentemente em blocos –, do domínio das técnicas de contraponto que adquiriu com as aulas intensivas de Simon Sechter (com quem Schubert agendou também algumas aulas pouco antes de morrer) e do sentido amplo de movimento harmónico que absorveu dos dramas musicais de Wagner.

Bruckner escreveu a Sexta Sinfonia entre o Verão de 1879 e Setembro de 1881, enquanto ensinava harmonia e contraponto na Universidade de Viena. Os dois andamentos centrais foram apresentados na cidade em Fevereiro de 1883, com um sucesso considerável. Mas, mesmo assim, a obra completa não seria ouvida antes de Fevereiro de 1899, mais de dois anos depois da morte do compositor, com Gustav Mahler na direcção da orquestra. A primeira edição da partitura saiu no mesmo ano, com cortes e emendas feitas por um bem-intencionado discípulo do compositor, Cyrill Hynais. As intenções de Bruckner, de acordo com os seus manuscritos, seriam apenas respeitadas nas edições de Robert Haas em 1935 e de Leopold



Nowak em 1952 – no concerto de hoje a versão usada será esta última.

A Sexta Sinfonia é uma obra em grande escala, durando a totalidade dos seus quatro andamentos cerca de uma hora. O primeiro, assinalado “majestoso”, começa com um tema extenso nos violoncelos e contrabaixos, incluindo já notas estranhas a Lá maior – uma primeira amostra da agitação tonal de toda a obra. Este tema, juntamente com a sua importante continuação em ritmos pontuados (longo-curto), é acompanhado por um persistente e conflituoso padrão rítmico. Surgem mais choques rítmicos entre o segundo tema lírico dos violinos e as tercinas na linha do baixo e depois as partes interiores da textura. Esta melodia está assinalada “consideravelmente mais lento”; e, de acordo com a partitura, o tempo mais lento mantém-se ao longo do vigoroso terceiro tema apresentado por toda

a orquestra e da parte calma que se lhe segue, bem como da secção de desenvolvimento – na qual algumas das ideias iniciais são ouvidas às avessas. O tempo inicial é restabelecido apenas para uma série de afirmações poderosas do início do primeiro tema, mudando de tom até à chegada de um ímpeto final em Lá maior que lança a recapitulação. No entanto, no estilo característico de Bruckner, a tonalidade mantém-se fluída mesmo depois disto, e só depois da coda grandiosa é que o tom original é firmemente estabelecido.

O andamento lento em Fá maior – com o título genérico *Adagio* e a indicação de tempo “muito solene” – é também na forma sonata, facto pouco habitual em Bruckner. O primeiro tema é uma extensa melodia para cordas, a que rapidamente se junta uma importante contramelodia do oboé; o segundo é também para as cordas, mas com texturas contrapontísticas que se vão multiplicando; o terceiro é ao estilo de uma marcha fúnebre. Depois de uma secção de desenvolvimento relativamente curta, o primeiro tema regressa nas trompas, com a contramelodia do oboé presente desde o princípio como parte de uma rica textura de acompanhamento, e vai-se transformando até ao clímax mais intenso do andamento. Também aqui, neste ponto crucial, a tonalidade é instável; o mesmo tema regressa apenas no final do andamento numa nova e calma versão sobre um bordão em fá.

O *Scherzo* em Lá menor é outro andamento excepcional em Bruckner, com a sua marcação de tempo “não rápido”, as texturas compostas por sobreposições de células repetidas e as dinâmicas geralmente atenuadas, interrompidas por curtas irrupções em *fortissimo*. O tempo e o compasso mudam para um 2/4 lento no *Trio* em Dó maior, que expõe o seu material em quatro blocos: cordas em *pizzicato* inquisitivas a que

respondem as trompas com solidez, madeiras que praticamente citam passagens da Quinta Sinfonia de Bruckner e uma solene cadência nas cordas. O *Scherzo* é repetido sem alterações.

O *Finale*, com a indicação “com movimento, mas não demasiado rápido”, começa em Lá menor com descidas impetuosas no violino, mas depressa muda para o modo maior para um par de figuras peremptórias nos metais contra uma figuração enérgica nas cordas. Há ainda um segundo tema lírico de contraponto nas cordas, com importantes descantes nas madeiras e um fragmento de coral nas trompas. Na secção de desenvolvimento, o tempo abranda para uma exposição integral do primeiro tema nos violoncelos, na tonalidade original. Mas esta depressa conduz a um episódio calmo das cordas sobre um pedal em fá, como no fim do andamento lento; segue-se a recapitulação com o regresso apenas dos metais peremptórios e das cordas enérgicas. Durante este *Finale*, reaparecem vários elementos do primeiro tema do andamento inicial: as figuras rítmicas pontuadas que dominam o desenvolvimento; o persistente ritmo de acompanhamento na coda; e os contornos da primeira frase como parte da grandiosa peroração.

ANTHONY BURTON

Tradução: Fernando Pires de Lima

Leopold Hager direcção musical

O maestro austríaco Leopold Hager, que celebrou o seu 80º aniversário em 2015, estudou direcção, órgão, piano, cravo e composição no Mozarteum de Salzburgo, a sua cidade natal. Depois de ocupar vários cargos em Mainz, Linz e Colónia, tornou-se Director Geral de Música em Freiburg/Breisgau, depois Maestro Principal da Orquestra Mozarteum em Salzburgo e, até 1996, Director Musical da Orquestra Sinfónica RTL do Luxemburgo. Para além do seu trabalho intenso como maestro, entre 1992 e 2004 foi Professor de Direcção Orquestral na Universidade de Música de Viena. Entre 2005 e 2008, foi Maestro Titular da Volksoper em Viena, onde dirigiu novas produções de *A Escolha de Sofia*, *A Flauta Mágica*, *Turandot*, *O Franco-Atirador*, *La Traviata*, *Os Contos de Hoffmann*, *As Bodas de Fígaro* e *Os Mestres Cantores*. Apresentou-se com a Volksoper em digressões aclamadas no Japão e em Espanha. Foi Maestro Convidado Principal da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, entre 2015 e 2017, sendo actualmente o seu Maestro Emérito.

Tem desenvolvido relações duradouras com a Ópera Estatal de Viena e apresenta-se frequentemente em muitas das principais casas de ópera do mundo, incluindo a Ópera Estatal da Baviera em Munique, a Semperoper de Dresden, a Metropolitan de Nova Iorque, a Chicago Lyric Opera, a Royal Opera House Covent Garden em Londres, o Teatro Colón em Buenos Aires e a Ópera da Bastilha em Paris. Dirigiu também na Ópera de Lyon, no Teatro Nacional de Praga e no Festival de Edimburgo. Mais recentemente dirigiu na Ópera Alemã de Berlim (*Rosenkavalier* e *Elektra* de Richard Strauss, e a raramente interpretada *Cassandra* de Vittorio Gnegchi) e novas encenações de *O Navio*

Fantasma de Wagner na Ópera de Leipzig e de *Tristão e Isolda* na Ópera Estatal de Estugarda. Na Ópera de Lyon, juntou-se ao encenador Rolando Villazon para apresentar *Werther* de Massenet. Dirigiu ainda duas novas produções de óperas de Mozart na Ópera de Nice.

A sua grande experiência torna-o um maestro muito requisitado, tendo dirigido as principais orquestras da Europa e dos Estados Unidos da América – Staatskapelle Dresden; Sinfónicas de Bamberg, Viena, NDR Hamburgo, MDR Leipzig e Nacional de Washington; Orquestras da Gewandhaus de Leipzig, da Konzerthaus de Berlim e do Concertgebouw de Amesterdão; Filarmónicas de Munique e Checa; Sinfónica da Rádio Dinamarquesa, Orchestre de Paris, Staatskapelle Weimar, Orchestre National de Lille e Accademia di Santa Cecilia em Roma. A sua relação próxima com a English Chamber Orchestra está largamente documentada em várias gravações. Tem dirigido repetidamente a Filarmónica de Viena, não só em Viena, mas também em Praga e Roma.

Leopold Hager é conhecido como um defensor pioneiro da interpretação mozartiana, particularmente pelas suas apresentações em concerto, em Salzburgo, das obras cénicas de juventude até então praticamente desconhecidas, tais como *Lucio Silla*, *Apollo et Hyacinthus*, *Ascanio in Alba* ou *La Betulia liberata*. Durante a Semana Mozart de Salzburgo, em 1979, dirigiu a primeira interpretação completa de *Il sogno di Scipione*. As suas gravações destas obras com cantores de topo mantêm-se como referências na discografia. A sua extensa discografia inclui ainda todos os Concertos para piano e Árias de concerto de Mozart.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro emérito*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Takuo Yuasa e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Tasmin Little, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger e Harrison Birtwistle, a que se junta em 2018 o compositor austriaco Georg Friedrich Haas.

A Orquestra tem-se apresentado também nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff e Brahms e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os CDs monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2018, a Orquestra apresenta um conjunto de obras-chave da música austríaca: a integral das Sinfonias de Bruckner, os Concertos para violino de Mozart com Benjamin Schmid, a raramente interpretada cantata *Gurre-Lieder* e o poema sinfónico *Pelleas und Melisande* de Schoenberg, *As Estações* de Haydn, além de uma retrospectiva da obra de Webern em parceria com o Remix Ensemble e o Coro Casa da Música. Surpreende ainda com a revelação de uma obra recém-descoberta de Stravinski, um cine-concerto com o filme *Há Lodo No Cais* em celebração dos 100 anos de Leonard Bernstein e as sonoridades inusitadas de um concerto de Haas ao lado de um quarteto de trompas alpinas!

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

James Dahlgren
Ianina Khmelik
Vladimir Grinman
Maria Kagan
José Despujols
Emília Vanguelova
Evandra Gonçalves
Roumiana Badeva
Andras Burai
Vadim Feldblioum
Alan Guimarães
Diogo Coelho*
Pedro Carvalho*
Agostinha Jacinto*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
José Paulo Jesus
Lilit Davtyan
Francisco Pereira de Sousa
Paul Almond
Mariana Costa
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
José Sentieiro
Flávia Marques*
Raquel Santos*

Viola

Mateusz Stasto
Anna Gonera
Emília Alves
Rute Azevedo
Theo Ellegiers
Francisco Moreira
Jean Loup Lecomte
Hazel Veitch
Biliana Chamlieva
Luís Norberto Silva

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
Sharon Kinder
Gisela Neves
Bruno Cardoso
Aaron Choi
Hrant Yeranosyan

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Joel Azevedo
Altino Carvalho
Nadia Choi
Slawomir Marzec

Flauta

Paulo Barros
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Tamás Bartók
Roberto Henriques*
Luciano Cruz*

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
João Moreira*
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

Luís Duarte Moreira*
Nuno Vaz*
Hugo Carneiro
Eddy Tauber
José Bernardo Silva
Bohdan Sebestik

Trompete

Sérgio Pacheco
Luís Granjo
Ivan Crespo

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Rui Pedro Alves*
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino
Gabriel Lopes**

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*
Sandro Andrade*

Harpa

Ilaria Vivan

*instrumentistas convidados

*estagiário Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo – IPP

**3 Jun Dom - 18:00 Sala Suggia
Sol e Tempestade**

Coro Casa da Música

Nicolas Fink direção musical

Johannes Brahms *Quartette, op.92; Cinco
canções, op.104*

Florent Schmitt *La mort du rossignol, op.91 n°5;
Par la tempête, op.40 n° 2*

Lili Boulanger *Hymne au soleil; Renouveau; La
source; Les sirènes; Pendant la tempête; Soir sur
la plaine*

As *Cinco canções op.104* são um olhar nostálgico para os tempos de juventude, no Outono da vida em que também Brahms se encontrava na época em que as escreveu. Com o cair das folhas maravilhosamente representado por acordes ao sabor da brisa, a obra encerra com a torrente de emoção contida de um homem que antevê o fim. Imagens da natureza e sonoridades impressionistas atravessam as obras corais de dois franceses laureados com o célebre Prix de Rome. Lili Boulanger morreu muito jovem, aos 25 anos, mas o seu enorme talento precoce deu origem a algumas das mais belas e comoventes páginas da música francesa das primeiras décadas do século XX. A música apaixonada e plena de contrastes de Florent Schmitt completa este belíssimo programa dirigido pelo maestro suíço Nicolas Fink, aclamado pelo seu trabalho no âmbito da música coral.

**8 Jun Sex - 21:00 Sala Suggia
Celebrar Sibelius**

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Arvo Volmer direção musical

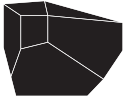
Benjamin Schmid violino

Felix Mendelssohn *Abertura Sonho de uma Noite
de Verão*

W. A. Mozart *Concerto para violino e orquestra n° 3*
-

Jean Sibelius *Sinfonia n° 5*

A obra mais popular de toda a produção de Mendelssohn é a *Abertura para a peça Sonho de uma Noite de Verão* de Shakespeare, que escreveu quando tinha apenas dezassete anos de idade. Nela são apresentados musicalmente os mundos das fadas, dos nobres amantes e do povo, que se interligam na comédia. O aclamado director musical da Orquestra Haydn, Arvo Volmer, estreia-se à frente da Orquestra Sinfónica neste programa que prossegue a Integral dos Concertos para Violino de Mozart, com o multipremiado violinista Benjamin Schmid. Mozart tinha 19 anos quando escreveu o célebre *Concerto n° 3 em Sol maior*, e relatou numa carta ao pai como todos elogiaram a pureza do seu som quando o tocou numa ocasião em Augsburg. Não são muitas as pessoas que vêem o seu dia de aniversário declarado feriado nacional. Foi dessa forma que a Finlândia homenageou Sibelius, ainda em vida, tendo-lhe encomendado a *Quinta Sinfonia* para as celebrações do 50º aniversário do próprio compositor.



casa da música

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

